

# De Varzinha dos Paulinos à Varzinha dos Quilombolas





# De Varzinha dos Paulinos à Varzinha dos Quilombolas



Expediente:

De Varzinha dos Paulinos  
à Varzinha dos Quilombolas

Organização e Textos:

Marluce Melo

Equipe de sistematização:

Carmelo Fioraso

Marluce Melo

Depoimentos:

Projeto gráfico e diagramação:

Carmelo Fioraso

Fotos: Carmelo Fioraso

Revisão:

Apoio:

Horizont3000/Áustria

Editora:

Editora:

Tiragem:

## Índice

Introdução - 6

Localização - 6

Tudo começou com mãe Rosára - 7

Memória da Escravidão dos primeiros tempos - 8

Início da Rebelião - 9

Contribuição da CPT para a resistência da comunidade - 9

Conquistas - 10

Sonhos e esperanças - 11

# Introdução

A história de Varzinha está relacionada com a luta e resistência dos quilombos da região do Agreste e Sertão de Pernambuco. No local onde vivem as famílias, os açudes, casas, poços, a terra e as plantações eram controladas pela casa-sede, às custas de opressão da senzala, como diz seu Domingos: “o cativo era ser criado na sujeição. Tudo que ia fazer tinha que pedir permissão ao patrão”. Com o passar das décadas, acirra-se o conflito com o proprietário e as disputas judiciais pela posse do território. As famílias decidiram se organizar e, em 2007, criaram a Associação Rural dos Remanescentes de Quilombo da Comunidade Varzinha. “Até 2010, o que a gente plantava de meia mal dava pra nós e nossos filhos, nós não tinha dinheiro pra nada, era um tempo só de escravidão”, lembra o quilombola Antônio de Lau. Ainda neste mesmo ano, os remanescentes de Varzinha entraram com o pedido de reconhecimento e obtiveram sua certificação, emitida pela Fundação Palmares. A partir daí, deu-se início ao processo de regularização do território no Inera. A comunidade se levantou contra o controle do proprietário sobre sua produção, sobre sua forma de se organizar, sua identidade, seu modo de vida. Ao lutar em defesa do território, da ancestralidade e das práticas comunitárias, a comunidade quebrou as cercas da injustiça, da violência e da exploração secular. Em reconhecimento à luta destas famílias, o município criou o dia da comunidade quilombola, celebrado todos os anos no dia 06 de junho.

## Localização

A comunidade está situada próximo ao povoado de Jabitacá, localizado no município de Iguaracy, Sertão do Pajeú. De Jabitacá à Varzinha são 20 km de percurso em estradas de terra. Atualmente, a comunidade é formada por 38 famílias que residem e produzem lavouras de subsistência.

Iguaracy é um município que fica a cerca de 358 km do Recife e possui uma população de aproximadamente 12.000 habitantes. Sua origem remonta a uma área que foi doada à Igreja por um proprietário de terras. Só a partir de 1948, o local passou a ser conhecido com o nome que leva hoje, pois antes era conhecida como “Macacos”.

Varzinha é uma comunidade que se originou a partir da ganância iniciada pelos Portugueses e perpetuada pelos valores burgueses e latifundiários do Brasil, em que “a propriedade da terra era medida até onde a vista poderia alcançar”, como contam os moradores do quilombo de Varzinha. A forma de legalização dessas terras, assim como muitas no Brasil a partir do século XVIII, foi feita de forma “acordada” entre cartórios, políticos influentes ou fazendeiros da região.



## Tudo começou com mãe Rosára



"Por onde eu passo tem o rastro de Mãe Rosára, conhecida como Lala. Ela chegou em Varzinha por volta de 1883 e ficou aqui na região. Eu sei que naquele momento, com pouco tempo, terminou a escravidão. Mas aqui na fazenda Varzinha ficou ainda tendo muito escravo. Eu lembro bem porque papai contava toda a história de como tinha acontecido. E lá ela ficou tomando conta dos filhos e trabalhando na casa grande. (Edivaldo cobra preta)

Minha bisavó Lala (Rosára) veio pra cá no tempo do Coronel Paulino. Lá chegou junto com a sua filha Vicência e os irmãos.. Vieram pra trabalhar como escravos na construção daquela barragem, lá embaixo. Eles puxavam os bois na construção da barragem. Essa barragem aqui foi construída através dos bois, burros e os escravos que puxavam esses animais." (Joaquim Manoel Ferreira da Silva, liderança quilombola)



Maria Vicença da Conceição veio em 1883 pra Varzinha, ela era mãe de Lala. Lala teve 15 filhos. Ela foi uma grande parteira na região. Os negros chamavam ela de mãe Rosára porque ela era mãe de umbigo de todo mundo. Todo mundo dava a benção para ela. Ela trabalhava na casa grande. Ela ajudou muito negro que, morrendo de fome pedia comida. Ela matava a fome de todo mundo. (Maria do Carmo Pereira)

# Memória da Escravidão dos primeiros tempos

Os primeiros negros e negras de Varzinha não vieram fugidos. Foram trazidos pelos próprios proprietários de terras para trabalhar na produção de algodão, pecuária e na casa-grande. Com a chegada da cana-de-açúcar no sertão, começaram a ser explorados também no plantio da cana e no engenho de açúcar, além de fazer todo tipo de trabalho. As pessoas mais velhas da comunidade guardam na memória o sofrimento dos seus antepassados.

"Minha mãe sempre falou que a avó vivia no cativoiro. Ela sempre dizia que quando o negro não fazia o que o patrão gostava, o negro apanhava muito no cativoiro. Os escravos apanhavam dos brancos, dos ricos, dos patrões porque eram escravos, cativos, cativoiro. A mãe dizia que quando um senhor gostava de uma negrinha, dizia assim: 'eu quero ela'. Fazia filhos nela e deixava pra lá. Ninguém sabia quem era o pai. As negras criavam sozinhas os filhos porque não podiam dizer quem era o pai. (Maria do Carmo A. da Silva)

"Meu pai contava que vivia dentro da fazenda de Varzinha, na criação de gado para matança, plantando, carregando, alcançando muito serviço e trabalhando no sítio. Derrubando baraúna e levando de carretão. Fazer travessão que tinha aqui, ali. Carregando juá em carro de boi. Era muito serviço, muito exigência." (Domingos Bezerra da Silva)



"Meu pai trabalhou no engenho como bagaceiro, tirando o bagaço da cana. Eu lembro que o meu irmão, o mais velho, trabalhou cortando cana. Aqui se produzia tudo e ia pra Sertânia. Olhe, quando comecei a trabalhar na roça eu tinha 8 anos de idade. Primeira vez que fui pro roçado tava meu pai e meu irmão. Meu pai dizia: 'comece o trabalho puxando o boi'. Nossa liberdade começou há pouco tempo, quando a gente aqui começou a se movimentar. Até 2010 o que a gente plantava de meia mal dava pra nós e nossos filhos. Nós não tinha dinheiro pra nada, era um tempo só de escravidão." (Antônio de Lau)

## Enfrentando o Medo e as dificuldades:

Quando perguntam aos homens e mulheres de Varzinha quais são as maiores dificuldades nos períodos de resistência, sempre falam do medo da violência dos proprietários e de seus capangas; o medo da influência dos proprietários com os poderes locais; e falta de conhecimento sobre os direitos. A senhora Antônia Gonçalves de Oliveira da Silva relata um pouco estas dificuldades: A comunidade tinha medo de se reunir. A gente tava assim: como um pé de planta que quando murcha, é porque tem um pé mais alto que começa a chupar a umidade. O patrão murchava nossa vida. Quando se falou pra gente da Associação, ninguém queria não: "ninguém vai querer essa associação porque se a gente for formar uma Associação aqui pra tomar as terras do patrão vai ser ruim pra gente e, Deus me livre a gente fazer isso com eles'. A gente sofria desse jeito e a gente tinha medo de mexer com o patrão. Eu comecei a ir em reuniões, sozinha, por conta do medo. Comecei a conversar com as mulheres, algumas começaram a participar, depois os homens. Aos pouquinhos, devagarinho, a organização foi crescendo e aí nasceu a Associação da comunidade Quilombola Varzinha dos Quilombolas. A CPT nos ajudou a enfrentar o medo".

# Início da Rebeldia

## Quebra da meia

"Aqui os homens trabalhavam pro patrão e a gente, as mulheres, ajudava eles também. Os homens trabalhavam da segunda até a quinta-feira pro patrão e, na sexta-feira e sábado, era na roça deles. A diária era baratinha, barata mesmo! Pra gente mesmo, não podia se criar uma galinha, não podia criar uma criação que era de meia. Aí a gente cercou uma vazante e plantou. Tinha palma, tinha um roçadinho e tudo. Tava muito bonito. O patrão ficou estúpido. Ai com poucos dias, era as ovelhas e o gado entrando dentro dos roçados. Dentro do roçado tinha milho, feijão, jerimum e batata. Aí, a gente só via os bichos quebrando e eu já vendo os meus filhos com fome no terreiro, tudo pequeno. O mais velho tinha o quê? Oito anos! Eu dizia: 'meu Deus, como é que pode existir uma coisa dessas?' Os meus filhos com fome e a gente vendo uma destruição dessas!" (Antônia Gonçalves de Oliveira da Silva)



"Eles eram acostumados a gente ser sujeito a eles. Recebemos várias ameaças de morte, até capangas das fazendas deles vieram pra Comunidade amedrontar nós, um tal de Carlão. Em novembro de 2011, os patrões entraram na justiça pra despejar a gente, dizendo que invadimos a propriedade deles. A advogada da CPT escreveu no processo que a comunidade tinha certificação da Fundação Palmares e que o processo tinha que ser na Justiça Federal. Em janeiro de 2012, em uma audiência, a juíza aceitou e transferiu para a Justiça Federal de Serra Talhada, porque a gente é uma comunidade quilombola." (Joaquim Manoel Ferreira da Silva, liderança)

## Contribuição da CPT para a resistência da comunidade

"Aconteceu um acampamento dos sem-terras perto de nossa comunidade. Foi quando nós tomamos conhecimento da CPT. Então, a gente contou pra CPT sobre nossa situação aqui. A CPT começou a falar dos nossos direitos e juntos, nós e CPT, começamos a lutar por eles. Estarmos aqui hoje, primeiramente, eu agradeço a Deus e também à CPT. Sem a CPT eu nem sei o que teria sido da gente aqui. Naquele momento, os conflitos eram grandes, a própria CPT é testemunha disso. Graças a CPT, todos os dias estamos aprendendo. Cada dia é uma coisa nova, os jovens estão se interessando mais pela nossa história." (Joaquim Manoel Ferreira da Silva)

Os desafios foram e estão sendo enfrentados com muita resistência e com denúncias nacionais e internacionais sobre as violações de direitos sofridas pelas famílias. Alguns quilombolas ameaçados de morte foram incluídos no programa governamental de Proteção de Defensores de Direitos Humanos. Além disso, é frequente a presença da CPT na comunidade, através de visitas sistemáticas, inclusive no período de registro das ameaças, e no acompanhamento dos processos jurídicos.

## Conquistas

### Justiça Federal Julga a favor da comunidade

A Justiça Federal, em 2013, julgou improcedente uma ação judicial pela qual o proprietário da Fazenda Varzinha pretendia a reintegração de posse da área. Em sua decisão, a Justiça declarou não restar dúvidas de que a área é ocupada pela comunidade quilombola há mais de um século. Sendo assim, a legislação reconhece a propriedade definitiva aos remanescentes dos quilombos, devendo o Estado ficar responsável pela emissão dos títulos da terra. A decisão foi uma vitória para a comunidade.

### “Não vamos desistir”

“O INCRA concluiu o laudo antropológico em 2014. Conseguimos energia elétrica, a reabertura da escola da comunidade, poços e cisternas.

Uma coisa eu tenho dito, sabe, conseguimos nossa liberdade e aos poucos estamos conseguindo estrutura aqui para a comunidade. Veja só, as casas estão ficando bonitas, novas. Então não vamos desistir, não, porque sabemos que a cada conquista nossa, eles, os proprietários, cada dia, têm mais raiva da gente e o conflito é muito grande. Vivemos ameaçados, temos domínio só de uma pequena área de terra para plantio. O território continua na disputa. (Joaquim Manoel Ferreira da Silva)

### “A juventude está escrevendo a nossa história”

“Cada dia é uma coisa nova. A juventude está escrevendo a nossa história, está resgatando toda a memória da nossa gente. O interessante é que cada jovem está buscando se aperfeiçoar mais, se reunindo, viajando e, com isso, buscando força e tendo conhecimento, trocando experiências com outras comunidades, vivenciando o dia a dia de cada povo”. (Joaquim Manoel Ferreira da Silva, liderança quilombola)

“Eu sempre escutava meu avô falando da história da mãe dele. E minha mãe sempre dizia: 'Bruna, quando pai estiver falando você vai anotando, porque ele não vai tá vivo pra sempre e seus contos são importantes pra gente aqui'. Mas eu nunca levava a sério. Outro dia eu estava em casa, sentei perto do meu avô e comecei a fazer umas perguntas, tipo assim: 'como era a história da nossa gente? Como eram as coisas por aqui antigamente? Aí ele ia respondendo e eu escrevendo. Percebi que várias coisas eu não sabia da comunidade. Então eu me juntei com Aline e tive a ideia de criarmos um museu” (Bruna Silva)



# Sonhos e esperanças

“Hoje estamos no tempo de libertação e para chegar neste tempo, fomos rebeldes, lutamos pelo direito de nossas terras. O conflito não acabou. Esses dias eles entraram com um processo contra nós, querendo uma indenização de 15 mil reais. Nessa luta, o mais importante é que estamos conseguindo a terra e a nossa história vai ficar escrita nos papéis e na memória do povo. Conseguimos melhoria de vida com luta e com a rebeldia dos nossos antepassados.” (Joaquim Manoel Ferreira da Silva)

“Eu olho pr'ali e vejo um mamão pequeno. Vou ali e já encontro alface. Não falta nada, graças a Deus. Só falta o quê? Nós ter a nossa liberdade e ter o direito de receber as terras em nossas mãos. Meu sonho é permanecer aqui, meus filhos, meus netos e bisnetos, tudo nessa terra e daqui não sair. Antes essa terra era Varzinha dos Paulinos e hoje é Varzinha dos Quilombolas, né isso, graças a Deus!” (Antônia Oliveira da Silva)

“Meu sonho é ter um museu com a história de minha avó Rosária. O museu é o símbolo da história. E que o sonho seja realizado: o museu ter o prédio e ter a chave. Quem chegar lá, poder ver o museu dos negros de Varzinha. Vai lá no prego, pega a chave, abre, taí o museu.” (Edvaldo, conhecido como Cobra Preta)



“Tenho esperança de que as coisas só vão melhorar pra todos nós, pois Deus está guardando nosso futuro, né. Meu sonho é que essa terra seja nossa definitivamente, para que meus filhos tenham onde morar e viver. Assim, teremos a verdadeira libertação, porque ela só vem quando a terra for nossa mesmo.” (Antônio de Lau)

“Tenho esperança de que vamos conseguir nosso território e que as coisas vão melhorar. Quero muito fazer nosso museu, as pessoas que vierem de fora quando for visitar a casa-fazenda vai vim aqui também visitar o museu e conhecer um pouco da nossa história e luta.” (Aline da Silva)



O que o branco sempre tem? O recurso, um recurso, sempre tem um meio de sobreviver mais fácil.

O negro, não. Sempre é da parte mais fraca no dinheiro. Pobre.

O negro faz força com machado, enxada, chibança, picareta. Age com tudo que aparecer porque é mais forte. Por causa da condição, o negro trabalha mais.

A riqueza do rico é a pobreza do negro.

Se não fosse o negro, o branco-rico não vivia.

O negro age o pesado e enfrenta tudo que aparecer.

Se respondi errado, me desculpe.

Quem sofre mais é o negro com toda a pobreza que o branco-rico traz.

O branco-rico tem tudo na mão, tem tudo fácil. O rico tem o lápis, a caneta (antigamente, a pena), ganha um salário bom, na sombra, bem sentado, bem descansado.

O negro-pobre, não: enfrenta chuva, sol, terra quente, às vezes passa por necessidade.

Mas hoje não, graças ao nosso bom Deus.

(Maria do Carmo Pereira)

Falar do nosso Povo é muito mais que contar nossa história É lembrar o passado e voltar no tempo de novo.

É uma emoção tão grande quando lembramos daquela época. Época dos cativos hoje entendida como escravidão.

Plantar a gente até podia, Mas nada que fincasse raiz no chão.

No passado é marcado de dor e também de luta e resistência Lembro até dos antigos que aqui fizeram sua residência.

O nosso povo negro, tem mãos calejadas, sim senhor!!! Da terra sempre entendemos, e somos gente igual aos doutor. Tenho orgulho da minha raça Orgulho-me da minha cor, Um povo cheio de história que guardamos com amor.

Os brancos querem nos calar, como faziam antigamente.

Mas hoje abrimos os olhos, acordamos para a realidade e gritamos fortemente;

**O NOSSO POVO EXISTE E NISSO SOMOS REMANESCENTES.**

(Juventude Quilombola)



Comissão Pastoral da Terra Nordeste II  
E-mail: [cpt@cptne2.org.br](mailto:cpt@cptne2.org.br)  
[www.cptne2.org.br](http://www.cptne2.org.br)  
Julho 2015